



INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

FAMILY AND SCHOOL INCLUSION OF CHILDREN DIAGNOSED WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: NARRATIVE LITERATURE REVIEW

Giovanna Suemy Mori¹, Nathalia Ferreira Souza², Yasmin Leite Gonçalves³, Danielly Beraldo dos Santos Silva⁴
 e321136

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1136>

RESUMO

Este estudo é uma revisão narrativa de literatura a qual teve como objetivo identificar e discutir as principais contribuições da família e da escola para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista (TEA). A busca foi realizada nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico. De acordo com os estudos, o TEA consiste em um distúrbio do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado principalmente pelo comprometimento das habilidades sociais e de comunicação. Além disso, esses indivíduos podem apresentar hiperatividade, impulsividade, bem como comportamentos agressivos, respostas sensoriais e perceptuais peculiares, como o medo exagerado de estímulos inofensivos ou fascínio por estímulos visuais; distúrbios do sono e gastrintestinais; e epilepsia. Por isso, o maior desafio do desenvolvimento e tratamento comportamental do autista é a sua inclusão social e escolar. A inclusão de crianças com autismo no ensino regular depende, em grande parte, da participação da família no processo educativo, esta tem um papel de suma importância no desenvolvimento e aprendizagem da criança. As práticas educacionais devem ser sempre atualizadas, objetivando facilitar evolutivamente a integração de indivíduos com autismo na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Relações Interpessoais. Síndrome Comportamental. Educação Inclusiva. Interação infantil. Autismo

ABSTRACT

This study aimed to identify and discuss the main family and school contributions to development and learning of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) through of the narrative literature review. The search was performed in the SciELO and Google Scholar databases. According to studies, ASD is an early-onset neurological development disorder characterized mainly by impairment of social and communication skills. In addition, these individuals may exhibit hyperactivity, impulsivity, as well as aggressive behaviors, peculiar sensory and perceptual responses, such as exaggerated fear of harmless stimuli or fascination with visual stimuli, sleep and gastrointestinal disturbances, and epilepsy. Therefore, the biggest challenge in the development and behavioral treatment of the autistic person is their social and school inclusion. The inclusion of children with autism in regular education depends, to a large extent, on the family's participation in the educational process, which plays an extremely important role in the child's development and learning. Educational practices must always be updated, aiming to facilitate the evolutionary integration of individuals with autism in society.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder. Interpersonal Relations. Behavioral Syndrome. Inclusive education. Child interaction. Autism

¹ Discente do Curso de Medicina da Universidade José do Rosário Vellano - UNIFENAS Alfenas-MG, Brasil.

² Discente do Curso de Medicina da Universidade José do Rosário Vellano - UNIFENAS Alfenas-MG, Brasil.

³ Discente do Curso de Medicina da Universidade José do Rosário Vellano - UNIFENAS Alfenas-MG, Brasil.

⁴ Biotecnologista e Docente do Curso de Medicina da Universidade José do Rosário Vellano - UNIFENAS Alfenas-MG, Brasil.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA
Giovanna Suemy Mori, Nathalia Ferreira Souza, Yasmin Leite Gonçalves, Danielly Beraldo dos Santos Silva

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) é caracterizado pelo distúrbio do desenvolvimento neurológico de início precoce, comprometimento das habilidades sociais e de comunicação (SILVA; MICHELINE *et al.*, 2009). Além disso, esses indivíduos podem apresentar hiperatividade, impulsividade, bem como comportamentos agressivos, respostas sensoriais e perceptuais peculiares, como o medo exagerado de estímulos inofensivos ou fascínio por estímulos visuais; distúrbios do sono e gastrintestinais; e epilepsia. Por isso, o maior desafio do desenvolvimento e tratamento comportamental do autista é a sua inclusão social (NUNES *et al.*, 2013).

As características clínicas desse transtorno elevam a demanda por cuidados e, conseqüentemente, o nível de dependência de pais e cuidadores. A família destas crianças, por sua vez, se vê frente a diversos desafios e expectativas futuras às limitações da condição, além da necessidade imprescindível de adaptar-se à intensa dedicação e prestação de cuidados das necessidades específicas do filho. São quem exercem maior influência no desenvolvimento e crescimento dessa criança por representar a primeira instituição na qual a criança tem acesso ao meio social, constituindo um importante espaço de socialização (PINTO *et al.*, 2016).

A Lei 12.764/2012 foi regulamentada pelo Decreto Presidencial 8.368/2014, e garante a qualificação e a acessibilidade aos serviços públicos do Sistema Único de Saúde (SUS), da educação e da proteção social para pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo. A inclusão social do autista, ajuda no seu desenvolvimento. Essa interação significa fazer parte da sociedade, contribuir para que sua participação social ocorra de modo efetivo (TELES; CÂNDIDA, 2018).

A inclusão de crianças com autismo no ensino regular depende, em grande parte, da participação da família no processo educativo, esta tem um papel de suma importância no desenvolvimento e aprendizagem da criança, principalmente nos primeiros anos de vida. Segundo Gomes *et al.*, (2019) “a escola é o único espaço social que divide com a família a responsabilidade de educar”, ou seja, a escola promove a socialização devido às diferenças individuais e as necessidades do grupo. Neste sentido, essa revisão narrativa de literatura buscou identificar e discutir, com base em resultados de artigos científicos, as principais contribuições da família e escola para o desenvolvimento e aprendizado de crianças (até 12 anos) com TEA.

METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão narrativa da literatura. Artigos consultados nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico foram selecionados para a discussão. Também foram consultados sites governamentais e sociedades que abordam o tema “TEA”. Para a busca dos artigos foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Bireme de maneira randomizada: “transtorno de espectro autista”; “inclusão escolar”; “inclusão familiar”; “crianças” e “educação”.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA
Giovanna Suemy Mori, Nathalia Ferreira Souza, Yasmin Leite Gonçalves, Danielly Beraldo dos Santos Silva

Após análise criteriosa dos resultados obtidos nas bases de dados, foi realizado uma síntese sobre o TEA incluindo as principais contribuições da família e escola para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças diagnosticadas com TEA.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Caracterização

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) consiste no comprometimento da interação social, comportamentos repetitivos e estereotipados que incluem resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetos e fascínio com o movimento de peças. As estereotipias motoras e verbais, tais como balançar, bater palmas repetitivamente, andar em círculos ou repetir determinadas palavras e um repertório restrito de interesses e atividades. Também podem apresentar isolamento ou comportamento social impróprio, ausência de contato visual, dificuldade de realizar atividades em grupo e falta de empatia social (GADIA et al., 2004).

As dificuldades na comunicação acontecem em graus variados, tanto no jeito verbal quanto na não-verbal de compartilhar informações. Há crianças portadoras de TEA que não desenvolvem habilidades de comunicação, porém, quando desenvolvem, têm uma linguagem imatura, caracterizada por jargão, balbucio, reversões de pronomes, prosódia anormal, entonação monótona etc. Os que conquistam as habilidades verbais podem demonstrar dificuldades persistentes em estabelecer longas conversas recíprocas, tais como dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais (GADIA et al., 2004).

A deficiência de linguagem e de comunicação persiste durante toda vida, e uma parte significativa de autistas permanecem não-verbais. Em geral, há uma melhora do isolamento social na vida adulta, mas com persistência na falta de habilidade comunicativa e a dificuldade em socializar para criar vínculos com pessoas (GADIA et al., 2004). Classificado em diferentes graus e com múltiplas etiologias, como a combinação de fatores genéticos e ambientais. Assim, essa síndrome comportamental dificulta o desenvolvimento infantil desde os três primeiros anos de vida, visto que, este inicia no primeiro ambiente de socialização, a família (MAPELLI et al., 2018).

Diagnóstico

O diagnóstico do TEA segue alguns critérios internacionais, com avaliação completa e uso de escalas validadas. A complexidade enfrenta a heterogeneidade etiológica e fenotípica dos casos. Envolvendo a forma como os familiares interpretam os comportamentos apresentados pelo indivíduo com TEA, pouco comuns e até mesmo agressivos, e a opinião profissional da rede de atenção à saúde. Muitas vezes esses diagnósticos acontecem em idade escolar ou adulta, por isso é necessário o trabalho em conjunto com diversas áreas, principalmente da saúde, educação, ou seja, de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA
Giovanna Suemy Mori, Nathalia Ferreira Souza, Yasmin Leite Gonçalves, Danielly Beraldo dos Santos Silva

reconhecer e se atentar às características do autismo o mais cedo possível, mas o mais importante do que o diagnóstico precoce é a intervenção precoce (ROSENDO *et al.*, 2021).

Na triagem é utilizado o Questionário Modificado para Triagem do Autismo (M-CHAT) pelo pediatra em crianças entre 16 e 30 meses, um teste não de diagnóstico e exclusivo para sinais iniciais, sem análise do neurodesenvolvimento. Pode ser utilizado em consulta de rotina com o objetivo de detecção de casos suspeitos. Devido a existência dos casos de falso positivo, houve a complementação com a Entrevista de Seguimento (M-CHAT-R/F), importante ressaltar que mesmo com o resultado de triagem positivo, esse não é diagnóstico de TEA, apesar disso essas crianças apresentam altos riscos de atrasos no desenvolvimento, favorecendo a intervenção precoce (Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, 2019).

O questionário é online, equivale a 20 questões polares com resultado indicando baixo risco, risco moderado ou alto risco. Em caso de baixo risco, se a criança for menor que 24 meses, repetir o M-CHAT-R em 24 meses, em risco moderado administrar a Entrevista de Seguimento para obter informação adicional sobre as respostas de risco, se continuar igual ou superior a 2, a criança pontua positivo para TEA na triagem, se for pontuação 0-1 pontua como negativo para triagem do autismo, em alto risco pode prescindir da necessidade da Entrevista de seguimento, encaminhamento a criança para avaliação diagnóstica e de necessidade de intervenção (Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, 2019).

Tratamento

O tratamento para o TEA envolve técnicas para a melhora do comportamento, programas educacionais e terapias de comunicação. É essencial o trabalho de psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, psiquiatria, terapia ocupacional e educadores qualificados para lidar com essa condição, pessoas que tenham domínio sobre análise comportamental funcional e técnicas de mudança de comportamento, já que é de grande preocupação as dificuldades da integração de crianças autistas dentro da família e da escola, e de adolescentes e adultos na comunidade. Precocemente, quando iniciado o tratamento, há uma maior chance de melhoras nos sintomas e a estabilidade do grau da doença. Deve ser escolhido considerando as necessidades individuais e seu grau até o atual momento, severo, moderado ou leve. Alguns profissionais têm como foco quatro objetivos a se seguir no tratamento que são: estimular o desenvolvimento social e comunicativo, aprimorar o aprendizado e a capacidade de solucionar problemas, diminuir comportamentos que interferem com o aprendizado e com o acesso às oportunidades de experiências do cotidiano e ajudar as famílias a lidarem com o autismo (BOSA, 2006).

Existem diversos tipos de terapia para o autismo, algumas mais usadas são a ABA, o método TEACHH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação) e a técnica PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras). A ABA é uma terapia comportamental que busca observar o desenvolvimento da criança em determinadas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA
Giovanna Suemy Mori, Nathalia Ferreira Souza, Yasmin Leite Gonçalves, Danielly Beraldo dos Santos Silva

situações, ela tem como objetivo trabalhar em uma ação individual para que o portador de TEA saiba lidar com diversos cenários do cotidiano. O TEACHH é uma técnica comportamental que trabalha o aprendizado da criança, no seu lar ou em diversos locais, sem tirar eles do seu curso normal, pois para o autista há sofrimento quando seu dia sai da rotina. E a PECS busca a melhora na fala do paciente com o uso de imagens como forma de diálogo (BOSA, 2006; SOUSA *et al.*, 2020).

Em relação à farmacoterapia, não existe medicamento específico para a doença, mas existem alguns que atuam sobre os sintomas. Os antipsicóticos e antidepressivos tricíclicos têm sido algumas das drogas mais usadas para o tratamento de distúrbios comportamentais do TEA. No entanto, os efeitos colaterais potenciais desses medicamentos limitam o seu uso em processos crônicos, como a sedação e ganho de peso. Esses medicamentos demonstraram diminuição significativa da agressividade, estereotipias e comportamentos automutilantes em autistas, também parecem ter efeitos positivos em sintomas alvo, tais como irritabilidade, comportamento obsessivo-compulsivo, hiperatividade e estereotipias. Já os inibidores seletivos da captação de serotonina, podem ser usados em autistas na tentativa da redução dos comportamentos obsessivos, rituais e estereotipias com eficácia variável e, em geral, são bem tolerados. Para um tratamento bem-sucedido é inevitável que os profissionais e as famílias trabalhem em equipe, pois o TEA é um desafio diário para o portador e para os que convivem (NIKOLOV *et al.*, 2006).

CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A inclusão escolar consiste em propor um modo de organização do sistema de educação que é estruturado em função das necessidades das dificuldades e diferenças individuais. Ela deve ter como objetivo a aprendizagem de maneira igual de todos os alunos. A família é a principal mediadora dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS *et al.*, 2003; KREPPNER, 2000). Nesse sentido, se torna responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000).

É preciso que a família e a escola tenham uma boa comunicação e dividam igualmente entre as responsabilidades de cada uma em relação à criança portadora de TEA. Sendo assim, acredita-se que “a escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão” (REGO, 2003 *apud* DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22). É de suma importância que a família tenha consciência de que as crianças com TEA não podem viver segregadas da sociedade em uma “bolha individual”. A criança deve participar das atividades oferecidas pela sociedade com a finalidade de se encaixar cada vez mais no meio em que ela vive.

Os educadores, por sua vez, devem ter conhecimento de que a família da criança é uma peça fundamental para o sucesso do desenvolvimento do aluno com TEA. Dessen e Polonia (2007, p. 01) dizem que “Escola e família constituem dois contextos de desenvolvimento fundamentais para a trajetória de vida das pessoas” e que “A integração entre esses dois contextos é destacada como



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA
Giovanna Suemy Mori, Nathalia Ferreira Souza, Yasmin Leite Gonçalves, Danielly Beraldo dos Santos Silva

desafio para a prática profissional e pesquisa empírica.” Isso confirma que os dois precisam caminhar seguindo um só objetivo, para conseguirem um bom desenvolvimento da criança.

CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Cabe a instituição de ensino garantir o direito do acesso e a permanência da criança com TEA no ambiente escolar. A instituição precisa oferecer um ensino de qualidade, diferentes metodologias de ensino além de melhorias na estrutura física, adaptando a instituição de acordo com as necessidades de cada aluno. O corpo docente deve receber uma capacitação para ter o preparo necessário para trabalhar adequadamente com alunos portadores de TEA.

Schmidt (2013) declara que: Trocas transdisciplinares constantes entre equipes e o professor estariam municiando a escola com as informações que contribuiriam com a qualificação da experiência educacional do aluno com autismo. Ao mesmo tempo, o professor poderia colaborar com tal equipe oferecendo preciosas informações sobre o dia a dia deste aluno, seus comportamentos e aprendizagem, sem perder seu referencial pedagógico (SCHMIDT, 2013, p. 22).

Tony Booth e Mel Ainscow (2000 *apud* KUBASKI, 2013) falam sobre esses conceitos necessários para que haja plenamente a inclusão. Compreende-se sobre estes conceitos que:

1. Presença: sem classes separadas ou outra segregação, se o aluno participa de práticas conjuntas ou separadas de seus colegas, como a frequência desse aluno na escola, o local que esse aluno está inserido, correspondência entre o ano escolar e a idade cronológica.

2. Participação: qualidade de experiências educacionais; tais como o engajamento do aluno em atividades conjuntas.

3. Aceitação: pelos professores, colegas e equipe da escola, ou seja, relação com colegas, professores e demais funcionários da escola, melhores amigos, quem o auxilia, quem ele busca.

4. Aprendizagem: ganhos acadêmicos, emocionais e sociais, por exemplo, como é realizada a avaliação desse aluno, principais recursos e dificuldades etc. (BOOTH; AINSCOW, 2000 *apud* KUBASKI, 2013).

Ademais, é imprescindível que o aluno com TEA aprenda juntos com os demais colegas para que possa haver trocas de experiências produtivas. Desse modo, os educadores devem desenvolver diferentes metodologias de ensino que consigam “prender” por um tempo considerável a atenção dos alunos com TEA, para assim eles obterem uma boa qualidade de ensino.

Em um estudo de revisão sistemática, Santos *et al.*, (2021) reuniu 16 artigos, os quais mostraram diferentes estratégias educacionais que exploraram vários aspectos relacionados à visão, audição, olfato, linguagem e sociabilidade de crianças e adolescentes diagnosticadas com autismo. Os resultados mostraram que o uso de tecnologia, como jogos virtuais, robôs e aplicativos estimularam o desenvolvimento cognitivo e social da população avaliada. Dessa maneira, a inserção de diferentes metodologias associadas principalmente, às brincadeiras lúdicas e ao uso de tecnologia podem ser benéficas para o desenvolvimento cognitivo e social de crianças e adolescentes autistas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA
Giovanna Suemy Mori, Nathalia Ferreira Souza, Yasmin Leite Gonçalves, Danielly Beraldo dos Santos Silva

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família tem importante papel e enfrenta numerosos desafios em relação adaptação da rotina e cuidados específicos da criança diagnosticada com TEA. Dessa maneira, o diagnóstico e a inserção social nos primeiros anos de vida desses indivíduos auxiliam no seu desenvolvimento e aprendizagem escolar, elevando sua qualidade de vida. As práticas educacionais devem ser sempre atualizadas, objetivando a aprendizagem e integração de indivíduos com TEA na sociedade.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 1, p. 47-53, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500007>

CAPELÁRIO, Roseli; GUERRA, Elenir. Práticas pedagógicas inclusivas no ensino superior para surdos sob perspectiva sócio-histórica. *In: VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL*, Londrina de 05 a 07 novembro de 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT02-2013/AT02-029.pdf>

CARVALHO, Aline dos Santos Moreira de et al. TEA, família e escola-O trabalho em conjunto, relação de empatia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e136101522820-e136101522820, 2021. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i15.22820>.

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DE PEDIATRIA DO DESENVOLVIMENTO E COMPORTAMENTO. **Transtorno do Espectro do Autismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: SBP, 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/departamentos-cientificos/pediatria-do-comportamento-e-desenvolvimento/>

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, p. 21-32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>

FERRAZ, Marli Ferreira da Silva. **A importância e os efeitos da participação da família na vida escolar de alunos do Ensino Fundamental**. 2017. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/53067/R%20-%20E%20-%20ANTONIA%20IVANEIDE%20MOURAO%20RIBEIRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

GADIA, Carlos A. *et al.* Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, p. 83-91, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300011>

GOMES, Manoel Messias; SILVA, Severina Rodrigues de Almeida Melo; MOURA, Deniza Dias de. A importância da família para o sujeito portador de autismo, a educação e a formação docente. **Revista Educação Pública**, v. 19, n. 25, 2019. Disponível em: DOI: 10.18264/REP

MAPELLI, Lina Domenica et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 4, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116>

NIKOLOV, Roumen; JONKER, Jacob; SCAHILL, Lawrence. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. **Revista Brasileira de**



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO FAMILIAR E ESCOLAR DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA
Giovanna Suemy Mori, Nathalia Ferreira Souza, Yasmin Leite Gonçalves, Danielly Beraldo dos Santos Silva

Psiquiatria, v. 28, n. 1, p. 39-46, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500006>

NUNES, Debora Regina de Paula et al. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, v. 26 n. 47, p. 557–572, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X10178>

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>

ROSENDO, Vitorio Ymai et al. Fatores de risco associados à linguagem no transtorno do espectro autista: revisão sistemática. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 6, p. e26460, 2021. ISSN 2675-6218. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i6.46>

SANTOS, Karine Alonso dos et al. Educational interventions used to improve the cognitive and social development of children and adolescents with autism. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e25710917971, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.17971>

SILVA, Micheline et al. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 29, n. 1, p. 116–131, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>

SOUSA, Deborah Luiza Dias de et al. Análise do Comportamento Aplicada: A Percepção de Pais e Profissionais acerca do Tratamento em Crianças com Espectro Autista. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 1, p. 105-124, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.06>

TELES, Perolina Souza; CRUZ, Cândida Luisa Pinto. A prática esportiva como instrumento de inclusão: um estudo de caso sobre aprendizagem e desenvolvimento de aluno com transtorno do espectro autista (TEA). **ENFOPE**, n. 11, 2018. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/8954>